

A dor e o sofrimento femininos em “A profecia no leito de morte”, de Ana Plácido¹

Female pain and suffering in Ana Plácido’s “The deathbed prophecy”

Fabio Mario da Silva  0000-0002-7034-1260  4329315558816516
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Universidade do Porto (UP)

Resumo: Nossa proposta é refletir sobre a dor e o sofrimento femininos a partir da narrativa “A profecia no leito de morte”, de Ana Plácido, contida na obra *Luz coada por ferros* (1863). Nossa intenção é perceber como a autora associa o sofrimento feminino, causado por uma dor intensa, às suas personagens protagonistas, o que revelaria uma das problemáticas da condição feminina na obra de Plácido.

Palavras-chave: Ana Plácido. Sofrimento. Dor. “A profecia no leito de morte”. *Luz coada por ferros*.

Abstract: We propose in this article to reflect on female pain and suffering, based upon our Reading of the narrative “The deathbed prophecy”, by Ana Plácido, that forms part of her 1863 work *Luz coada por ferros* (Light filtered through bars). Our intention is to examine how, with reference to the main protagonists of the piece, Plácido examines female suffering caused by intense pain, thereby elucidating one of the key problematics of the female condition with which her work deals.

Keywords: Ana Plácido. Suffering. Pain. “The deathbed prophecy”. *Luz coada por ferros*.

¹ Texto desenvolvido durante pós-doutoramento na área de Estudos Portugueses, com supervisão do professor Dr. Ernesto Rodrigues, do CLEPUL, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

*Para Adriana Mello Guimarães, pelo
resgate da obra de Ana Plácido*

*Eu estou hoje mais apoquentada com a dor,
mas alegre e crente no futuro.*

Ana Plácido²

Alexandre Cabral, em *A vida dolorosa (1859-1860). Camilo Castelo Branco*³, publica, pioneiramente, os telegramas entre Ana Plácido e Camilo Castelo Branco, datados de 6 de julho de 1859 a 11 de setembro de 1860, correspondências que se referem aos períodos que vão desde o recolhimento de Ana Plácido no Convento da Conceição em Braga, à sua fuga para Porto e Lisboa e ao seu encarceramento, quando da instauração e acusação no processo de adultério por seu marido, Pinheiro Alves, contra ela e Camilo Castelo Branco. O título do livro, inspirado pelas trocas de mensagens dos dois autores, mostra a saga e os desafios que tiveram para estarem juntos. O interessante é perceber como Ana Plácido transforma esses desafios de sua vida pessoal, que lhe trazem sofrimentos e dores, em matéria ficcional, observada a partir da visão e dos sentimentos/sensações das suas mulheres protagonistas. Assim, a obra placidiana aporta dentro da ótica da escrita autobiográfica, como aponta Conceição Flores, cujos estudos revelam uma coincidência, na obra ficcional de Plácido, entre o eu biográfico e o eu que narra (FLORES, 2015, p. 28).

Encontramos nas cartas de Ana Plácido (que são um verdadeiro testemunho de seu padecimento) uma relação intrínseca com a temática da dor e do sofrimento nas suas obras ficcionais. Por exemplo, em 30 de novembro de 1884, Ana Plácido escrevera a Affonso d'Azevêdo Nunes Branco (editor que publicou suas cartas inéditas, após seu falecimento, em 1916), comentando a morte da mulher do seu filho, Nuno Castelo Branco, falecida em agosto de 1884, em mais uma tragédia⁴, e lamento de sua vida: "eu tenho vivido tão atribulada, tão triste e quase cega de chorar que me tem faltado animo e força" (PLÁCIDO, 1916, p. 25).

² Telegrama expedido de Braga a Camilo em 14 de junho de 1859 (Plácido *apud* Cabral, 1979, p. 82).

³ Alexandre Cabral recolhe tais textos nos espólios da Casa Camilo, com notas muito importantes, sem, contudo, mencionar o nome de Ana Plácido no título da obra, já que, afinal, os telegramas são entre o casal.

⁴ Relembremo-nos que as tragédias na vida de Ana Plácido acontecem sucessivamente: "O seu primeiro filho, Manuel Plácido, do primeiro casamento, com Pinheiro Alves, faleceu no dia 17 de setembro de 1877. (...). Camilo Castelo Branco, que fora seu amante e depois marido, suicida-se com um tiro na cabeça em 1890. E Ana Augusta morreu no dia 20 de setembro de 1895" (MATTOS, 1985, p. 285).

Em missiva de Freitas Fortuna a Ana Plácido, já nos últimos anos de sua vida da autora,⁵ em 1890, reflete sobre o sofrimento da autora: “como deve sêr amargurado o viver entre angustias incomportáveis. Toda palavra de conforto é banal; todavia há uma que basta – Deus” (FORTUNA, 1924, p. 29). Isto porque, em missivas anteriores a 1890, a Freitas Fortuna, Ana Plácido já relatara como há anos se sentia: “se eu pudesse, quero dizer, se tivesse tempo para o desabafo longo dos meus sofrimentos e desalentos” (BLANCO; PLÁCIDO; FORTUNA, 1930, p. 132); bem como lhe revela: “os dias correm por aqui tristes, mas não há de que espantar. É ir vivendo, soffrendo, e contar com o que está certo: o socego do tumulto” (BLANCO; PLÁCIDO; FORTUNA, 1930, p. 148).

Ana Plácido viveu uma vida muito sacrificada por tudo o que passou, desde a exposição pública com o processo de adultério até à morte do primeiro filho, Manuel Plácido, e os problemas psicológicos constatados do segundo, Jorge, vendo, nos últimos anos, o seu segundo cônjuge, Camilo Castelo Branco, muito debilitado⁶.

Assim, iremos analisar como a dor e o sofrimento, tão presentes e, por vezes, exaltados em seus textos, relacionam-se com as personagens femininas que são os grandes destaques arquetípicos de suas narrativas, o que será revelado, mais especificamente, na análise de “A profecia no leito de morte”, narrativa contida na sua obra de estreia, *Luz Coada por Ferros* (1863). Antes, precisamos esclarecer que o sofrimento e a dor são dois lexemas que aparentemente remetem a uma mesma significação. Contudo, e como ressalta Arantes Gonçalves, o que há em comum entre ambos é tão só a noção de emoção negativa (GONÇALVES, 2001, p. 306). Com a reiteração da sua similaridade, criaram-se vários preconceitos que levaram a algumas problemáticas como, por exemplo, apenas recentemente haver a preocupação do tratamento da dor em fases agudas, visto durante séculos ter-se pensado nesta como sofrimento, o que levava as pessoas a uma atitude passiva de compaixão ou da sua aceitação como punição, castigo, justo merecimento, ou seja, enquanto algo que faz parte da condição humana e de sua natureza:

Podemos sofrer sem ter dor ou ter dor sem sofrimento. O sofrimento não é a dor, mas causado pela dor, sobretudo quando ela se associa a contextos de perda, com ameaça da integridade do homem nas várias dimensões biológicas, psicológica ou social. O sofrimento é um aspecto cognitivo da dor (GONÇALVES, 2001, p. 306).

⁵ A autora nasce em 27 de setembro de 1861 e falece em 20 de setembro de 1895.

⁶ Tal cuidado com Camilo é tão extremo que Ana Plácido confessa ao amigo do casal, Freitas Fortuna, em carta de 21/2/1889: “todos os meus esforços, toda a minha energia, tudo de quanto posso dispor, o tenho empregado para minorar os sofrimentos do meu marido” (1930, p. 51).

É exatamente essa relação entre dor e sofrimento que, nas narrativas de Ana Plácido, as personagens femininas passam a enfrentar, devido às amarguras e decepções afetivas (*Herança de Lágrimas*) que, posteriormente, causam melancolia⁷ (*Impressões indeléveis*) e, por conseguinte, doenças de foro psicossomático, as quais acabam por se transformar em dores físicas (*Martírios obscuros*), ou que levam as personagens à morte (*O amor!...* e *Às portas da eternidade*) ou à infelicidade (*Adelina*). Para uma melhor compreensão das temáticas da dor e do sofrimento, passaremos a analisar mais detalhadamente “A profecia no leito de morte”.

A diegese se inicia com a seguinte afirmação: “aspirar o veneno da dor na deleitação feroz do exaspero e da saudade excruciadora do passado” (PLÁCIDO, 1995, p. 159)⁸, dor essa melhor compreendida por órfãs. Isto porque a narradora-personagem, não nomeada, revela que conheceu e amou, ainda no berço, uma criança marcada pela fatalidade e a conheceu no Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança, longe de mãe, de irmãos mais novos e de um pai que pouco conhecera. Neste caso, o sofrimento é desencadeado por um acontecimento doloroso do passado, através da lembrança de uma criança, razão por que, nesse cenário narrativo, vemos a percepção da dor associada à memória da perda. D. Margarida Emilia Freire de Andrade é a criança que herda o nome ilustre, o brio, a elevação do caráter, a formosura, a inteligência e o dom da poesia, bem como é considerada pela narradora-personagem uma “alma superior” (PLÁCIDO, 1995, p. 156).

Logo em seguida, numa outra recordação, passados dezessete anos, continua-se a descrever o perfil físico e psicológico de Margarida: olhos grande, negros e belos, o seu gênio, a fronte lisa e espaçosa, bem como antecipa o fim trágico da personagem protagonista: “Levantar a coberta emblemática e misteriosa da martyr, atirando a indiferentes o segredo doloroso de tão nobre vítima, custar-me-hia o remorso fundo nunca perdoado... Respeitem os que soffrem a memória dos que muito padeceram” (PLÁCIDO, 1995, p. 156-157). Essa descrição alude, mais uma vez, a uma predestinação à fatalidade: “a mão da desgraça assentou-lhe em peso, e houve muito quem quizesse sondar-lhe a chaga, e refrigerar com o balsamo de consolações” (PLÁCIDO, 1995, p. 157). Assim, a dor da perda e um processo de luto ainda não superado são os vetores que provocam o sofrimento e dão a tônica do discurso dessa narrativa.

A narradora-personagem confessa que Margarida tinha por ela uma extrema afeição, tratando-a quase como uma filha, por isso, Cláudia Pazos Alonso refere que neste conto Ana

⁷ Lembremo-nos que a melancolia também é aspecto cognitivo da dor, subcategorizado no sofrimento (mas não equivale ao conceito de sofrimento).

⁸ Todas as citações à obra *Luz coada por ferros* referem-se à edição fac-similada de 1995, que reproduz a edição de 1863. Assim, nas próximas citações da referida obra apenas indicaremos o número de páginas.

Plácido “posiciona-se dentro de uma linhagem explicitamente feminina” porque encontramos o destino da personagem profetizado por uma figura materna substituta. (ALONSO, 1997, p. 44). Continuando a sua recordação, a narradora lembra que Margarida lhe revela, certo dia, através do dom que teria para profetizar, um futuro trágico:

Pressinto as tempestadas em que tens de soçobrar tão rico do que nos faz pobres! (...) Assim, a tua sentença está escripta, infeliz. Leio-a no teu semblante fatidico, nesse ar de meditação, que prescruta já os mysterios da vida, e no alheamento em que vas aos folgares, e se te suspende nos labios o sorriso! (PLÁCIDO, 1995, p. 158-159).

Margarida diz que gostaria de “assistir aos paroxismos” das futuras aventuras de sua amiga, mas que não será possível, visto prever a sua morte precoce, através do dom de enxergar o futuro, quase sempre fatídico, de outrem e de si mesma. Por exemplo, as amigas, ao conversarem, avistam um homem que Margarida revela que nasceu “debaixo de uma constelação maldita” (PLÁCIDO, 1995, p. 159). A narradora-personagem diz que não recorda de todas as ideias e palavras de Margarida, apenas rememorou o que de fato tinha se cumprido: Margarida morre aos trinta e quatro anos, longe da mãe e de parentes, como sempre tinha vivido, e padece de “uma pthysica polmunar que lhe foi levando em golphos de sangue os alentos vitales, mas não os do espirito, que Ella conservou até o final, talvez com um tacto mais fino e apurado” (PLÁCIDO, 1995, p. 159).

Poucas horas antes de falecer, contudo, Margarida chama a amiga junto de si, limpa-lhe as lágrimas, refere as saudades que sentirá dela e profere suas últimas palavras: “Queria deixar-te como recordação duradoira as ruinas onde estão gravadas as aramas dos meus antepassados, mas nem isso me é dado... Não chores minha filha: eu vou descansar, e pedir a Deus que adoce o teu calix...” (PLÁCIDO, 1995, p. 160), confirmando que tudo o que fora profetizado pela amiga de recolhimento realmente aconteceu em sua vida. Por isso, a narradora-personagem acaba por admitir que se cumpriu “a promessa sancta: que teu espirito desça a mim n’um raio de luz, e o Senhor, que te escuta as preces, perdoe ao meu algoz, e me acceite a purificação de dezoite mezes de agonia” (PLÁCIDO, 1995, p. 160).

Margarida é associada a uma espécie de santa e mártir, pessoas que sofreram durante a vida muitos tormentos e/ou maus tratos, por terem a sua espiritualidade elevada, ou, em alguns contextos, por serem perseguidas por causa de suas crenças e também por dedicarem suas vidas para cuidar dos mais necessitados. Daí a ideia de dor e sofrimento que acompanha essa personagem, a qual é traduzida na fala de sua amiga, a narradora-personagem, através da memória e da recordação que lhe trazem, respectivamente, dor e sofrimento, visto que não superara o luto, a perda pela morte de Margarida. Sobretudo, neste caso, estamos diante da

cumplicidade feminina⁹, de mulheres praticamente abandonadas pela família, órfãs esquecidas e depositadas nesse recolhimento e que, por isso, como bem atenta o começo da diegese, conhecem melhor do que ninguém a dor e o sofrimento. Ou seja, a falta da relação familiar através dos afetos fez com que essas personagens ficassem desprotegidas e conhecessem logo cedo as “falsas conjecturas do mundo, e suas traiçoeiras e loucas exigências de felicidade!” (PLÁCIDO, 1995, p. 157) – eis aqui um outro *tropo* do sofrimento: o abandono.

Ao prever o futuro das pessoas à sua volta, Margarida, nos três casos que revela na curta narrativa, quase sempre vê uma má predestinação. A narradora-personagem, no final da história, fecha o ciclo que iniciara a sua diegese, apontando – além de um algoz masculino, do qual não soubemos mais detalhes, e de dezoito meses de agonia por que passara – um período de perturbação e sofrimento intensos. Ou seja, apesar de não sabermos muitos detalhes sobre essas duas jovens, ante a indicação do abandono familiar, podemos concluir que o sofrimento e a dor foram companhias frequentes em suas vidas, tornando-se Margarida uma espécie de santa, devido, por um lado, às premonições, e por outro, a uma vida dolorosa, tal como os mártires da igreja. Por isso, no final, a narradora-personagem clama para que a amiga morta desça sobre seu espírito como um raio de luz e que Deus escute suas preces, o seu discurso de clamor e piedade de quem sofre intensamente.

Em suma, “Profecia no leito de morte” é a quinta narrativa da obra de estreia de Ana Plácido, obra essa que denunciaria, segundo Alberto Pimentel, “o estado de desalento que invadira o espírito da auctora ao sentir que o amor de Camilo havia esfriado” (PIMENTEL, 1899, p. 337). Lembremo-nos que *Luz coada por ferros* teve sua inspiração na época da clausura, como bem confessa a autora na nota introdutória: “grande parte d’estes escriptos nasceram na calamitosa época do cárcere e do escarneio dos meus algozes, nunca saciados das torturas que me infligiram” (PLÁCIDO, 1995, p. 5). Alude aos seus irmãos, dos quais, entre doze, já sete haviam falecido e os que ainda estavam vivos lhe ignoravam nessa altura de sofrimento: “nem um só lembra de mim: todos esqueceram a que lhes serviu de segunda mãe!”, pedindo interseção divina da irmã para adoçar-lhe o último trânsito. Ou seja, desde que se tornou público o envolvimento de Ana com Camilo, ela fora abandonada por grande parte da família, menos a irmã mais nova, que nunca lhe deixou de ter afetos, fatos comprovados via dedicatória e cartas. Provavelmente deve ter sido por causa de tal fato biográfico que a dor e o sofrimento compareçam mais enfaticamente nesse conto, bem como em outras narrativas da mesma obra.

⁹ Por isso, Maria Eduarda Santos (2011, p.23) vai referir que: “num mundo dominado por homens, as mulheres constroem a sua identidade também face a outras mulheres, face a outras formas de ser mulher, a diferentes estados da mulher: solteira / casada / viúva / celibatária; anjo / demónio; honesta / caída”.

A dor e o sofrimento das mulheres se constituem um padrão, são *topoi* de caracterização das personagens femininas, que se repete constantemente nas narrativas de Ana Plácido, seja na sua obra de estreia, *Luz coada por ferros* (1863)¹⁰, ou no seu romance assinado sob o pseudônimo de Lopo de Sousa, *Herança de lágrimas* (1871), seja nos romances folhetins publicados em diversos periódicos, quase todas as heroínas sofrem de uma dor intensa. Nessas narrativas deixa-se entrever que a própria estrutura social, moral e religiosa cria um sistema de desfavorecimento às mulheres, e por isso mesmo elas sofrem mais do que os homens. Também, não esqueçamos, uma caracterização de um protótipo do amor romântico malfadado do século XIX, mas, ao mesmo tempo, uma crítica enviesada à burguesia que mantém as mulheres sob o jugo da submissão, sendo as relações afetivas a base de um desses mecanismos de imposição de opressão.

Em suma, a dor e o sofrimento, na maioria dos textos ficcionais de Ana Plácido, estão ligados à decepção amorosa e aos desmandos dos homens que queriam impor a autoridade masculina e, dialeticamente, reprimir as mulheres. Contudo, em "A profecia no leito de morte", tais temáticas estão aliadas ao abandono de mulheres em casa de recolhimento e conventos, o que revela, portanto, alguns tópicos do sofrimento na obra placidiana, tais como o abandono, a opressão, o luto e a memória.

Referências

ALONSO, Cláudia Pazos, A trajetória literária de Ana Plácido e o papel de Camilo. In: SOUSA, Sérgio Guimarães de. *Representações do feminino em Camilo Castelo Branco*. Vila Nova de Famalicão: Casa Camilo/ Centro de estudos Camilianos, 2014, p. 39-64.

BRANCO, Camilo; PLÁCIDO, Ana; FORTUNA, Freitas. *Dois anos de agonia. Cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.^a, 1930.

CABRAL, Alexandre. *A via dolorosa 1859-1860. Camilo Castelo Branco*. Porto: Livros Horizonte, 1979.

CAMPOS, Maria Amélia. *Ana, a Lúcida. Biografia de Ana Plácido*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2008.

¹⁰ *Luz coada por ferros* possui nove narrativas e, em sua maioria, apresenta histórias de imposições amorosas, casamentos impostos e arranjos, uniões que se realizam visando o sistema econômico e interesses familiares, jogo social no qual a mulher predomina como vítima.

FLORES, Conceição. Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo. *Revista Ártemis*. Volume XIX. Jan-Jul, 2015, p. 26-32. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/26194/14088>. Acesso em: 3 jan. 2020.

FORTUNA, Freitas. *Cartas de J. A. de Freitas Fortuna a D. Ana Augusta Plácido e a Camilo Castelo Branco* (com duas cartas do Dr. Urbino de Freitas). Évora: Minerva Comercial, 1924.

GONÇALVES, Arantes. Da sensação à expressão de dor. In: CANTISTA, Maria José (org.). *Dor e sofrimento. Uma perspectiva interdisciplinar*. Porto: Campo de Letras, 2001. p. 301-310.

MATTOS, Otan Orlandini de. *Memórias de Ana Augusta (A maior paixão de Camilo)*. São Paulo: Aquarius Editora, 1985.

PASSOS, Teresa Ferrer. Ana Plácido - A escritora. Breve notas biográficas. In: *A Mulher na Vida e Obra de Camilo*. Famalicão: Centro de Estudos Camilianos/ Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1997, p. 193-208.

PLÁCIDO, Ana. *Luz coada por ferro*. Edição fac-similada no âmbito das comemorações do 1.º Centenário da morte de D. Ana Augusta Plácido. Vila Nova de Famalicão: Lelo & Irmão Editores & Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1995.

PLÁCIDO, Ana. *Cartas inéditas da segunda mulher de Camillo Castello Branco*, com algumas notas e comentários de Affonso d'Azevêdo Nunes Branco. Lisboa: Livraria J. Rodrigues, 1916.

PIMENTEL, Alberto. *Memórias do tempo de Camilo*. Porto: Campanha Portuguesa Editora, 1913.

PIMENTEL, Alberto. *O Torturado de Seide: Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Livraria de Manoel dos Santos, 1922.

PIMENTEL, Alberto. *Os Amores de Camilo*. Lisboa: Libano & Cunha Editores, 1899.

SOUSA, Costa. *Camilo no drama da sua vida*. Porto: Livraria Civilização, 1959.

SANTOS, Maria Eduarda Borges dos. *Da identidade feminina na ficção portuguesa de Oitocentos: voz(es) de mulher, perspectiva (s) de autor*. Tese de doutoramento. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2011.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionario Bibliographico Portuguez*. Tomo oitavo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. p. 67.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionario Bibliographico Portuguez*. Tomo vigésimo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911. p. 157.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionario Bibliographico Portuguez*. Tomo vigésimo Segundo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911. p. 87.

SILVA, Fabio Mario da. *A autoria feminina na literature portuguesa. Reflexões sobre as teorias do cânone*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

SILVA, Fabio Mario da. *Repensando os estereótipos femininos. Edição da Obra Completa de Ana Plácido*. Relatório de Pós-doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2020.

SILVA, Fabio Mario da. O suicídio enquanto *topos* romântico na narrativa 'Às portas da eternidade', de Ana Plácido". *Revista Entheoria*, n. 7, vol.1 Serra Talhada, UFRPE, disponível em <<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3683>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

TELES, Manuel Tavares. *Camilo e Ana Plácido. Episódios ignorados da célebre paixão romântica*. Porto: Edições Caixotim, 2008.

FABIO MARIO DA SILVA

Doutor em Literatura e mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora (Portugal). Pós-doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e em Estudos Portugueses, pela Universidade de Lisboa. É pesquisador colaborador do CEC (Centro de Estudos Clássicos), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente na área de Literatura na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4329315558816516>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7034-1260>

E-mail: famamario@gmail.com